

EUA intensificam pressões sobre Brasil e credores

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — Pelas perspectivas do Governo americano, a primeira etapa das negociações entre o Brasil e os bancos privados deverá terminar hoje, com um acordo temporário, que cobrirá os juros devidos este ano. O desfecho está na dependência apenas de pequenos detalhes técnicos, que a Casa Branca quer ver solucionados até o final desta tarde. Caso haja, por qualquer motivo, um adiamento, o Departamento do Tesouro e o Federal Reserve Board (o banco central americano) estão autorizados a aumentar ao máximo a pressão sobre ambas as partes para que a conclusão surja no mais tardar até a próxima segunda-feira.

— Já demos um prazo razoável para que cheguem a um acordo preliminar. Os dois lados já venceram as maiores dificuldades, e portanto não há mais motivo para que a negociação continue se arrastando — disse ao GLOBO, ontem, um alto funcionário do Governo americano.

Segundo ele, o Secretário do Tesouro, James Baker III, já conseguiu esta semana evitar por três vezes

que a Comissão Reguladora dos Bancos classificasse o Brasil como mau pagador, rebaixando-o a uma categoria que tornaria muito mais difícil a obtenção de novos créditos.

— A Comissão iniciou sua última reunião deste ano no último dia 26 de outubro, colocando o caso brasileiro no último item da pauta, para dar tempo a que houvesse um acordo. Quando se chegou a ele, no fim da semana passada, decidiu-se dar um prazo até segunda-feira, uma vez que a situação ainda estava complicada. Na segunda-feira, ao meio-dia, esse prazo foi esticado para terça-feira às 17h, e depois para o meio-dia de quarta-feira. O Secretário Baker intercedeu novamente e o limite ficou estabelecido para as 17h de hoje. Daqui em diante será muito mais difícil ganhar mais tempo — comentou o funcionário.

O Subsecretário do Tesouro, David Mulford, evitou comentar essa situação, ontem de manhã, quando fez um depoimento na Comissão de Bancos da Câmara dos Deputados. Mulford disse que no caso brasileiro pode-se dizer que a assinatura de um acordo está muito próxima.

— A negociação vai indo bem, mas não terminou. Esperamos que

continue indo bem, porque isso melhoraria muito a situação brasileira. Mas não quero entrar em detalhes agora — disse Mulford.

Ele classificou as negociações como construtivas, explicando que nesta fase busca-se amortizar os juros devidos pelo Brasil este ano.

— Ao mesmo tempo, ambas as partes já estão trocando idéias com relação à segunda etapa da conversa, quando vai-se discutir um pacote específico sobre dinheiro novo — completou Mulford.

● **SEM ENDOSSO** — O Governo dos Estados Unidos provavelmente não endossará o parecer da comissão que decidiu reclassificar os créditos que os bancos americanos têm para com o Brasil, identificando o País como mau pagador. Essa opinião foi expressa pelo Presidente da Associação Brasileira das Empresas de Comércio Exterior (Abce), Paulo Protásio. Para ele, mesmo que a reclassificação seja oficializada, as linhas de crédito comercial de curto prazo, fundamentais para a manutenção das importações e exportações brasileiras, não serão cortadas, mas apenas terão seus prazos reduzidos e custos financeiros elevados. A preocupação maior, segundo ele, é que a manutenção dos superávits comerciais brasileiros passaria a depender, em grande parte, da redução das importações, com prejuízo para a capacidade de expansão e crescimento da economia.